

Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira: Abordagem Comunicativa e Teoria da Relevância

Lílian Maria dos Santos CARNEIRO¹

Resumo: A Teoria da Relevância (TR), comumente aplicada aos estudos da tradução, destaca-se por primar pela elucidação de aspectos relativos à comunicação humana. A partir do estudo dos princípios dessa teoria, observa-se que ela possui um caráter abrangente, podendo ser relacionada a vários fenômenos comunicativos. Nesse sentido, o presente artigo busca aproximar e relacionar alguns aspectos da TR, sob a ótica de Gutt (2000) e Wilson & Sperber (2004), a alguns pressupostos da abordagem comunicativa (AC), para o ensino/aprendizagem de língua estrangeira - LE, sistematizados por Larsen-Freeman (1986), a fim de verificar em quais aspectos as referidas teorias se relacionam, no que concerne ao ensino/aprendizagem de LE. Assim, partimos da exposição de alguns aspectos relativos à TR (2000, 2004) e à AC, e correlacionamos tais princípios. A partir da aproximação desses dois aportes teóricos, é possível extrair algumas conclusões, sendo uma delas a percepção de que alguns aspectos da TR possuem estreita relação com alguns pressupostos da AC e de que é possível relacionar aquela teoria a fenômenos comunicativos relacionados ao ensino/aprendizagem de LE, contribuindo, assim, com a elucidação do tema.

Palavras-chave: Teoria da Relevância; abordagem comunicativa; ensino/aprendizagem.

Abstract: The relevance theory, frequently applied in translation studies, is characterized by the study of aspects related to human communication. From the analysis of some principles of this theory it is possible to notice that it comprises a wide range of matters and that it may be, then, related to a variety of communicative phenomenon. In this sense, this study will try to relate some elements of the relevance theory, found in the studies of Gutt (2000) and Wilson & Sperber (2004), to some principles of the communicative approach for foreign language teaching and learning, described by Larsen-Freeman (1986). From the approximation of these two theories, it was possible to get to some conclusions: one of them is that some aspects of the relevance theory have close relation to some principles of the communicative approach, for foreign language teaching and learning, and that it is possible to relate this theory to other communicative phenomenon about foreign language teaching and learning, so that it can contribute to the elucidation of the theme.

Keywords: Relevance Theory; Communicative Approach; teaching/learning.

Introdução

A Teoria da Relevância, doravante TR, tem como um de seus principais intentos elucidar os processos que envolvem a comunicação humana. Sob essa ótica, vários são os possíveis desdobramentos e enfoques feitos a partir dessa teoria. Em se tratando do desenvolvimento

¹ Graduada em Licenciatura em Língua Inglesa e Bacharel em Tradução pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Correio eletrônico: liliancarneiro@hotmail.com.

dos Estudos da Tradução, por exemplo, a TR é considerada uma peça de suma importância por ir além da funcionalidade na tradução, contemplando, também, o aspecto cognitivo, isto é, a capacidade do tradutor de prever o que o leitor pode inferir de determinado texto.

Devido ao caráter abrangente da TR, este trabalho buscará abordar essa teoria no âmbito dos aspectos comunicativos relacionados ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). Nesse contexto, o principal intuito do estudo será estabelecer relações entre alguns aspectos da TR e a abordagem comunicativa, doravante AC, para o processo de ensino/aprendizagem de LE.

Para tanto, partiremos da apresentação de alguns aspectos relacionados à abordagem teórica da relevância, estudada sob a ótica de Wilson & Sperber (2004) e Gutt (2000), e de alguns pressupostos da AC, sistematizados por Larsen-Freeman (1986), para, então, proceder à análise.

Tal análise consistirá na correlação entre os aspectos da TR e os princípios da AC para o processo de ensino/aprendizagem de LE, a fim de apresentar em que medida eles podem se relacionar no tocante ao ensino/aprendizagem de LE.

Alguns apontamentos sobre a abordagem teórica da relevância

Com o intuito de elucidar o tema em questão e as etapas que seguem, nesta seção serão descritos alguns aspectos relativos à abordagem teórica da relevância.

Wilson & Sperber (2004) afirmam que a TR pode ser enxergada como:

[...] uma tentativa de se desenvolver, de forma detalhada, uma das principais asserções de Grice: a de que um dos traços essenciais à comunicação humana, verbal ou não-verbal, é a expressão e o reconhecimento das intenções. (GRICE, 1989 apud WILSON; SPERBER, 2004, p. 607)².

Campos (2008) afirma que existem dois princípios que regem a TR:

1 Princípio Cognitivo de Relevância

A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização

² "Relevance theory may be seen as an attempt to work out in detail one of Grice's central claims: that an essential feature of most human communication, both verbal and non-verbal, is the expression and recognition of intentions" (Grice, H. Paul. 1989 apud WILSON & SPERBER, 2004. Relevance Theory. In: Horn, L.R. & Ward, G. (eds.) 2004).

da relevância.

2 Princípio Comunicativo de Relevância

Todo estímulo ostensivo (intenção informativa e comunicativa) comunica a presunção de sua própria relevância ótima – o estímulo é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência – e é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância é diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo. Em contextos idênticos, tanto menor o primeiro e tanto maior o segundo, mais relevante o estímulo (CAMPOS, 2008, p. 10).

A partir do estudo dos autores mencionados, reconhece-se que a TR teve como ponto de partida a fusão do modelo de código e do modelo inferencial. Wilson & Sperber (2004) afirmam que, de acordo com o modelo de código, um comunicante codifica a mensagem a ser transmitida em um sinal que é decodificado pelo receptor por meio de uma cópia idêntica desse código. Assim, estaríamos lidando com duas línguas idênticas, com o mesmo código.

Dessa forma, se pensássemos no ato de traduzir, perceberíamos que esse modelo poderia inviabilizá-lo, haja vista que a tradução pressupõe que se transite entre dois códigos distintos (duas línguas distintas) e o modelo de código, segundo Wilson e Sperber (2004), comportaria apenas um código.

Tal modelo seria contemplado pela presença dos seguintes elementos: emissor, receptor, mensagem (código) e canal, sendo, assim, caracterizado pela *explicatura*, ou seja, baseado nos elementos e conteúdos explícitos da mensagem.

Já no modelo inferencial, segundo Wilson & Sperber (2004), o comunicante fornece sinais, evidências de suas intenções para comunicar alguma coisa que os receptores identificam por meio de inferências realizadas a partir das evidências que foram fornecidas. Desse modo, o modelo inferencial se caracteriza pela *implicatura*, isto é, pelos elementos que se encontram implícitos na mensagem.

Wilson & Sperber (2004) elucidam os termos *explicatura* e *implicatura* quando tratam das subtarefas do processo de compreensão. Eles asseguram que, para que se compreenda, é necessário que sejam construídas hipóteses apropriadas sobre o conteúdo explícito (nos termos da TR, *explicaturas*) por meio de decodificações, eliminação das ambiguidades e outros procedimentos pragmáticos; e que sejam construídas hipóteses adequadas a respeito das suposições contextuais

pretendidas (nos termos da TR, as premissas implicadas, ou seja, as *implicaturas*).

Se tecermos um paralelo com os Estudos da Tradução, perceberemos que, no modelo inferencial, o tradutor não parte apenas dos elementos explícitos que a mensagem traz, mas se volta para os aspectos pragmáticos de tal mensagem, realizando inferências, criando hipóteses para o contexto determinado para, então, chegar à possível ideia que o autor do texto, o comunicante, realmente deseja exprimir por meio da mensagem proferida.

Com efeito, a partir dessa breve descrição, pôde ser entendido que a tradução, para ser relevante para o público de chegada, deve ter como base os dois modelos, o de código e o referencial, pois ambos se complementam, já que, para compreender e transmitir uma mensagem para outra língua, é indispensável que se levem em consideração o emissor, o receptor, o código e o canal, bem como que se façam inferências e se criem hipóteses a partir do contexto da mensagem. Os dois modelos são, portanto, essenciais ao processo de compreensão e transmissão de uma mensagem para outra língua.

A TR, ainda de acordo com Wilson & Sperber (2004), tem sua base fundamentada em outra afirmação de Grice (1961; 1989), que salienta que as elocuções produzem, automaticamente, expectativas que conduzem o ouvinte em direção ao sentido do que é dito.

Wilson & Sperber (2004) afirmam que Grice (1961; 1989) denominou essas expectativas em termos do princípio de Cooperação e das máximas de Qualidade (verdade), Quantidade (informatividade), Relação (relevância) e Modo (compreensibilidade), as quais se espera que os falantes observem. Grice (1961; 1989 *apud* WILSON & SPERBER 2004) ainda ressalta que a interpretação que um ouvinte racional deve escolher é aquela que melhor satisfaça a essas expectativas.

Ainda de acordo com Wilson & Sperber (2004), a principal afirmação da TR é a de que as expectativas de relevância advindas de uma elocução são suficientemente precisas e previsíveis para conduzirem o ouvinte ao sentido do que se deseja comunicar. O objetivo seria, então, explicar, em termos cognitivos e reais, em quê e como essas expectativas de relevância contribuem para uma explicação empírica e plausível da compreensão.

É interessante observar o que caracterizaria algo como sendo

relevante. Sperber & Wilson (1995, *apud* WILSON & SPERBER, 2004) destacam que algo é relevante para um sujeito quando se relaciona a informações anteriores (*background knowledge*) que esse sujeito possui, de forma que ele possa produzir conclusões, conhecimentos que lhe serão importantes. Nos termos da TR, esse *input* é relevante a um sujeito quando o seu processamento, em um contexto de hipóteses possíveis, leva a um efeito cognitivo positivo, isto é, a uma conclusão verdadeira ou tida como verdadeira, por exemplo.

Por sua vez, Gutt (2000) salienta que a relevância é dependente da relação entre os efeitos contextuais e o esforço de processamento, de forma que a equivalência dependeria do contexto, e as elocuções poderiam variar de acordo com o grau de relevância que elas têm em um determinado contexto.

O princípio básico da TR é o de que o sistema cognitivo busca o máximo de efeitos contextuais – *implicatura* e *explicatura* – com o mínimo de esforço cognitivo.

O entendimento é atingido quando, de acordo com Wilson & Sperber (2004), a intenção comunicativa é consumada, em outras palavras, quando os receptores reconhecem a intenção informativa.

Ainda segundo os estudiosos, a compreensão verbal começa com a recuperação do sentido de fala linguisticamente codificado, que necessita ser enriquecido contextualmente de diversas formas para o alcance do sentido do que é comunicado. Gutt (2000) afirma que é o comunicante quem deve fazer pressuposições corretas sobre os códigos e a informação contextual que os receptores acessarão e utilizarão no processo de compreensão.

Gutt (2000) destaca também que a faculdade essencial que permite que um ser humano se comunique com outro é a habilidade de fazer inferências a partir do comportamento desse outro. Ele assegura que, se olharmos pelo lado do propósito do comunicante, será possível perceber que o seu objetivo é criar um estímulo a partir do qual aqueles que o escutam possam inferir o que ele quer dizer, ou, de acordo com a TR, qual é a sua intenção informativa.

Sperber (1995) afirma que, há vinte anos dessa época, ficou claro que, para captar o sentido de algo dito, eram feitas inferências. Ele diz ainda que a inferência é o termo psicológico para o que eles conhecem por raciocínio, e que este consiste em iniciar com algumas

hipóteses e chegar a uma conclusão a partir de algumas etapas.

Na TR, como bem lembra Gutt (2000), o contexto é definido como parte dos conhecimentos que os sujeitos já têm sobre o mundo, sendo parte do ambiente cognitivo. Ademais, assevera que a comunicação é determinada pelo desejo de otimizar os recursos e que um dos aspectos da otimização é fazer com que os esforços despendidos sejam mínimos.

A partir das proposições apresentadas por Wilson & Sperber (2004) e Gutt (2000), anteriormente dispostas, observa-se que a TR tem como premissas a capacidade de inferência, o conhecimento prévio, o contexto e os efeitos contextuais. Percebe-se também que sua proposta se relaciona diretamente com os fenômenos comunicacionais.

Assim sendo, na etapa seguinte, serão apresentados os princípios da AC para o processo de ensino/aprendizagem de LE, sob a ótica de Larsen-Freeman (1986), a fim de, posteriormente, relacioná-los aos aspectos da abordagem teórica da relevância supramencionados.

Os pressupostos da abordagem comunicativa

Importância e surgimento da abordagem comunicativa para o ensino/aprendizagem de LE

Para que seja possível estabelecer o paralelo entre alguns aspectos da TR e os princípios da AC, faz-se válida uma breve revisão acerca do surgimento dessa abordagem no ensino de LE, bem como de seus principais pressupostos.

Para dar início à apresentação dos principais aspectos relacionados ao surgimento da AC, é importante expor, brevemente, o conceito de abordagem como um construto teórico da Linguística Aplicada (LA).

De acordo com Almeida Filho (2005, p. 78) o termo abordagem é definido como: “um conjunto nem sempre harmônico de pressupostos teóricos, de princípios e até crenças, ainda que só implícitas sobre o que é uma língua natural, o que é aprender e o que é ensinar outras línguas”. Como pôde ser observado a partir da citação mencionada, o conceito de abordagem abarca diversos outros conceitos e princípios, e essa nomenclatura é de grande importância para que se possa entender o que se compreende como AC para o processo de ensino/

aprendizagem de LE.

No que concerne ao surgimento de tal abordagem, faz-se válido expor a posição de alguns estudiosos que se dedicaram ao estudo desta temática.

Almeida Filho (2005) profere algumas considerações importantes relativas ao surgimento da precitada abordagem e ao seu significado. Segundo ele,

[...] a década de 80 convida-nos a reconsiderar a língua não estritamente como objetivo exterior ao aluno, mas sim como um processo construtivo e emergente de significações e identidade. Aprender a língua não é mais somente aprender outro sistema, nem só passar informações a um interlocutor, mas sim construir no discurso (a partir de contextos e experiências prévias) ações sociais (e culturais) apropriadas. [...] Sempre que a compreensão e a produção desse discurso são obtidas através das bases sucintamente apresentadas acima, a linguagem resultante é comunicativa. No ensino de línguas estrangeiras, este termo (comunicativo) surgiu como uma reação à abordagem anterior de fornecimento gradual e rotinizante de estruturas formais ao nível da frase. [...] O conceito de comunicação e a nova taxonomia que nos acompanham abriram, no fim da década de 70, novas possibilidades de compreensão dos processos de aprender/ensinar línguas. Dentro dessa nova tradição, surgiram os planejamentos de cursos de base instrumental e, finalmente, a abordagem comunicativa da grande operação (global) do ensino de línguas (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 81).

Neves (1996, p. 74) também tece constatações importantes sobre o surgimento da AC. Segundo ela, tal abordagem surgiu para propor uma visão da língua em sua plenitude, levando em conta seus aspectos gramaticais, psicolinguísticos, sociolinguísticos, discursivos e culturais. Ela também pontua que os estudos referentes à AC advêm da crítica ao behaviorismo e ao estruturalismo que até então vigoravam no método audiolingual, foram inspirados na gramática gerativo-transformacional, estudada por Chomsky, e posteriormente receberam as contribuições de Del Hymes, Halliday, Widdowson e Canale.

De acordo com Neves (1996, p.72), o conceito atribuído por Chomsky aos termos *competência* e *desempenho* foi considerado muito abstrato por Del Hymes, e, por essa razão, ele teria destacado em seu modelo o falante e o ouvinte reais em interação, atribuindo o conceito de competência comunicativa, inclusive, ao uso da língua. Para Del Hymes, um falante pode ser considerado comunicativamente competente se

ele consegue utilizar a língua aplicando os sistemas de competências gramaticais, psicolinguísticas, socioculturais e probabilísticas. Ainda segundo a autora:

O modelo de competência comunicativa para o desenvolvimento de programas de ensino de LE só veio a ser sistematizado por Canale & Swain (1980) no Canadá, e mais tarde modificado por Canale (1983) que propôs um modelo final que integrasse as 4 habilidades – ouvir, falar, ler e escrever – com 4 componentes da maior importância – competência gramatical, competência sociolinguística, competência discursiva e competência estratégica (NEVES, 1996, p. 73).

Percebe-se, dessa maneira, que a AC surgiu para propor um ensino de LE que ultrapassasse as repetições de frases preconcebidas e levasse em consideração a capacidade criativa dos indivíduos, a contextualização das atividades, a habilidade dos alunos de se expressarem por meio de interações que se aproximem daquelas que encontrarão fora das salas de aula, em que frases isoladas e individualizadas dão lugar ao discurso como um todo, ao longo do processo de aprendizagem da língua.

Pressupostos da abordagem comunicativa

De acordo com os preceitos da AC, o mais importante a se considerar é o ato comunicativo. Assim sendo, a preocupação com a forma linguística é deixada em segundo plano, sendo dada maior atenção à função da comunicação, e, para que a competência comunicativa seja atingida, são propostos alguns princípios que visam a facilitar a promoção da comunicação na língua-alvo.

A fim de explorar os principais pressupostos da AC, faz-se necessário expor as concepções de alguns dos principais autores que dedicaram seus estudos ao tema.

De acordo com Neves (1996, p. 73), Canale foi o precursor dos princípios da AC, os quais, segundo o autor, são:

- conhecimento das necessidades de comunicação: levar em conta as necessidades e os desejos do aprendiz procurando proporcionar a ele aquilo que mais certamente ele deverá encontrar em uma situação real;
- interação realística e significativa em sala de aula;
- utilização das habilidades linguísticas que o aprendiz já possui na sua primeira língua;

- integração da cultura da LE com o conhecimento geral do aprendiz.

Sobre o termo competência comunicativa, esclarece Larsen-Freeman (1986):

Competência comunicativa envolve estar apto a usar a língua de forma apropriada a um determinado contexto. Para isso, os estudantes precisam conhecer as formas linguísticas, os significados e as funções. Eles também precisam estar aptos a lidar com o processo de negociação de significado com seus interlocutores (LARSEN-FREEMAN, 1986, p.131).

Quando Larsen-Freeman (1986, p. 125) propõe uma reflexão sobre a experiência de se ensinar por meio da AC, ela destaca alguns de seus princípios básicos, tais como:

- a utilização da linguagem autêntica³ deve ser considerada sempre que possível;
- a capacidade de descobrir as intenções do falante ou escritor, ou seja, a capacidade de inferência;
- a importância de se utilizar a língua-alvo sempre que possível, já que a mesma língua não deve ser apenas o objeto de estudo, mas também o veículo para a comunicação em sala de aula;
- como o foco do curso é o uso real da linguagem, uma variedade de formas linguísticas é apresentada em conjunto, ou seja, não é dado enfoque a apenas um tópico gramatical, mas diversos pontos gramaticais são trabalhados em conjunto, tendo em vista a comunicação;
- os alunos deveriam aprender sobre os princípios de coesão e coerência, a fim de que saibam produzir e reconhecer um discurso coerente e coeso;
- os alunos devem ter a oportunidade de expressarem suas ideias e opiniões;
- os erros linguísticos cometidos pelos alunos são tolerados e enxergados como sendo parte do resultado do desenvolvimento das habilidades comunicativas;
- um dos maiores desafios do professor seria estabelecer situações em que haja a promoção da comunicação;
- os alunos devem interagir em grupos menores, uma vez que grupos menores propiciam mais tempo de discussão e melhor "negociação" do significado;
- é importante que se estabeleça um contexto social do evento comunicativo. Em outras palavras, aos alunos devem ser dadas oportunidades de interagir da forma mais contextualizada possível;
- os alunos devem aprender a utilizar as formas de linguagem adequadamente, ou seja, eles devem utilizar as formas de linguagem apropriadas a uma determinada situação;

³ Por *linguagem autêntica* pode-se entender toda linguagem, seja ela escrita ou oral, que não tem fins didáticos, isto é, a comunicação produzida de forma original.

- o papel do professor é o de atuar como um facilitador do processo comunicativo⁴;
- durante a comunicação, o falante tem a opção de escolher o que dizer e como dizer. Em outras palavras, ele pode se valer de diversas formas linguísticas, mais ou menos complexas, para se expressar em uma determinada situação;
- os aspectos gramaticais e o vocabulário apreendido advêm das situações comunicativas que estão sendo promovidas e nas quais os alunos estão inseridos;
- devem ser dadas aos alunos oportunidades de desenvolver estratégias para interpretar a língua da forma como ela é realmente usada pelos falantes nativos.

A partir dessa breve exposição sobre a AC, alguns aspectos relacionados ao seu surgimento e aos seus principais pressupostos, pôde-se constatar que, para que se chegue à almejada compreensão na LE, é necessário que professor e alunos estejam engajados na perspectiva comunicacional. O primeiro, proporcionando atividades e situações em que a comunicação esteja sempre em primeiro plano, e o último, participando efetivamente do processo, apresentando seus pontos de vista, seus interesses e se esforçando para se expressar na LE, fazendo com que, dessa maneira, a comunicação se realize.

A seção seguinte será desenvolvida com vistas a propor algumas relações que podem ser estabelecidas entre os apontamentos sobre a TR, apresentados anteriormente, e os pressupostos do ensino-aprendizagem de LE, pautados na AC e apresentados por Larsen-Freeman (1986).

Os entrecruzamentos estabelecidos a partir da aproximação de alguns aspectos da TR com alguns princípios da abordagem comunicativa para o ensino/aprendizagem de LE

A partir do exposto sobre a TR, observa-se que ela possui estreita relação com o ato comunicativo, e, por esta razão, nesta etapa será proposta uma tentativa de aproximação dessa teoria com alguns dos pressupostos da AC, levantados por Larsen-Freeman (1986), os quais foram descritos no tópico anterior.

Durante o estudo sobre a TR, foi possível perceber que o princípio básico para que se chegue à compreensão é a capacidade de se fazer inferências sobre o que é dito.

⁴ Por *processo comunicativo* entende-se o curso da comunicação em sala de aula e os processos que estão envolvidos na sua produção.

Nesse sentido, se tomarmos dois dos pressupostos apresentados por Larsen-Freeman (1986), o de que na AC o aluno deve ser capaz de descobrir as intenções do falante ou escritor, ou seja, deve ser capaz de fazer inferências; e o de que devem ser dadas aos alunos oportunidades de desenvolver estratégias para interpretar a LE da forma como ela é realmente utilizada pelos falantes nativos, temos uma aproximação direta com o princípio que rege a TR, haja vista que, para compreender, estudiosos da AC acreditam que o aluno possa partir de um entendimento mais amplo sobre o que é dito, não necessitando, assim, entender cada palavra do que é proferido na língua-alvo, mas a intenção principal. Para tanto, o aluno se vale das inferências possíveis sobre o que dito.

Foi possível observar ainda que o aspecto contextual está diretamente ligado à capacidade de se fazer inferências e, portanto, de apreender o que é dito. Sperber e Wilson (2004) bem lembram que a compreensão verbal começa com a recuperação do sentido de fala, linguisticamente codificado, que necessita ser enriquecido contextualmente de diversas formas, a fim de alcançar o sentido do que é comunicado.

Sobre este fator, vale ressaltar que um dos mais importantes princípios da AC é o de que se estabeleça um contexto social do evento comunicativo. Tal abordagem entende que a máxima contextualização é uma poderosa ferramenta para conferir a interpretação daquilo que é comunicado e que os aspectos gramaticais e o vocabulário são adquiridos a partir dessas situações comunicativas nas quais os alunos se encontram inseridos. Esta afirmação se relaciona à proposta da TR que declara que a compreensão adequada do que é linguisticamente codificado advém da contextualização. Como observado, o aspecto contextual também é um dos quesitos de base da TR.

Ademais, a TR salienta, de acordo com Wilson & Sperber (2004), que as expectativas de relevância advindas de uma elocução devem ser suficientemente precisas e previsíveis para conduzirem o ouvinte ao sentido do que é comunicado. Esse pressuposto da TR também pode ser relacionado ao princípio da AC que diz que, durante a comunicação, o falante tem a opção de escolher o que dizer e como dizer, ou seja, ele pode se valer de diversas formas linguísticas, mais ou menos complexas, para se expressar em uma determinada situação. Essa relação pode

ser estabelecida porque percebemos que a AC, assim como a TR, compreende que o mais importante é o ato comunicativo, é a produção de sentido. Dessa forma, os aprendizes da LE podem escolher a melhor e mais acessível maneira de transmitir uma mensagem, tendo em vista a compreensão desta.

Outro pressuposto da AC que pode ser relacionado à TR é o de que os alunos devem utilizar as formas de linguagem apropriadas a uma determinada situação. Tal princípio se relaciona à declaração de Gutt (2000) sobre a TR, em que ele assegura que o comunicante deve fazer pressuposições corretas sobre os códigos e a informação contextual que os receptores acessarão e utilizarão no processo de compreensão.

Os princípios supramencionados possuem ligação entre si, visto que, em ambas as teorias, seja a da AC ou a da relevância, o comunicante deve prever a compreensão de seu receptor, adequando a sua linguagem ao contexto em que a situação comunicativa ocorre, promovendo, por conseguinte, a facilitação do processo de compreensão da mensagem pelo receptor.

Por se tratar de uma teoria ampla e satisfatoriamente utilizada nos estudos sobre a tradução, não poderíamos deixar de realçar algumas das destacáveis contribuições da TR para esses estudos.

A proposta de Gutt (2000), por exemplo, possui grande importância para os estudos da tradução, por apresentar um conceito de relevância que se relaciona diretamente com os propósitos da tarefa de tradução de um texto. Ao traduzir, o tradutor precisa analisar o texto-fonte de forma a selecionar e a adequar ao público-alvo à informação mais relevante, aquela que terá sentido para o público ao qual será apresentada.

Gonçalves (2008), ao discutir a competência tradutória sob a perspectiva da relevância, retoma alguns princípios da TR que se mostram aplicáveis à reformulação do conceito de competência e propõe a hierarquização das competências, incluindo as habilidades, os conhecimentos, as estratégias e os metaconhecimentos, sendo estes dispostos hierarquicamente e apresentados em relação à sua complexidade cognitiva. Essa hierarquização também se mostra importante por apontar para possibilidades de aplicação didática na formação do tradutor. Ele afirma que os princípios da TR, por ele

utilizados para a reformulação do conceito de competência, pressupõem que:

[...] para haver o desenvolvimento do sistema cognitivo do indivíduo, visando à sua melhor adaptação ao meio, é necessário que os processos de produção de novos conhecimentos observem uma regra de economia, qual seja, a produção de efeitos contextuais abundantes, ou minimamente suficientes, com o mínimo necessário de esforço cognitivo (GONÇALVES, 2008, p. 132).

A partir da análise feita nesta etapa, foi possível perceber que a TR, comumente aplicada aos estudos sobre a tradução, pode ser também relacionada aos princípios da AC para o processo de ensino/aprendizagem de LE. Na etapa seguinte, serão feitas algumas considerações a respeito do estudo realizado.

Considerações Finais

A partir da exposição de alguns aspectos relativos à TR, da apresentação dos pressupostos da AC para o ensino/aprendizagem de LE e dos entrecruzamentos estabelecidos pela aproximação desses dois aportes teóricos, foi possível estabelecer algumas considerações, as quais serão apresentadas a seguir.

Pôde-se apreender que a TR, além de ser um importante recurso para os estudos acerca da tradução, consiste em uma teoria ampla e abrangente, podendo ser plenamente aplicável a vários âmbitos dos estudos da comunicação. Dessa maneira, constatamos que alguns dos princípios do ensino de LE, baseados na AC, possuem estreita relação com alguns aspectos da TR.

Foi ainda possível entender que alguns elementos de base da TR, tais como: a capacidade de inferência, os aspectos contextuais, a relevância do assunto e os efeitos interpretativos, aproximam-se do propósito da AC que se relaciona ao fato de que a comunicação e a aprendizagem de uma LE advêm do fato de os aprendizes interagirem em um contexto apropriado, que soe interessante para eles, negociando o sentido do que comunicam por meio de inferências, fazendo escolhas apropriadas sobre o modo como devem comunicar determinada informação, tendo sempre em vista o seu receptor, tornando a informação comunicada acessível a este.

Cabe encerrar com uma observação acerca do papel dos professores, personagens determinantes no processo de ensino-aprendizagem. A fim de promoverem esse ambiente interativo, cooperativo, contextualizado, os professores precisam estar atentos à relevância daquilo que propõem e comunicam a seus alunos, precisam sempre ter em vista os seus receptores, fazendo escolhas apropriadas, promovendo um ambiente em que reine a comunicação de forma relevante.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. A abordagem comunicativa do ensino de línguas: promessa ou renovação na década de 1980? In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Linguística Aplicada ensino de línguas e comunicação**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 77-87.

CAMPOS, J; RAUEN, F. J. (org.). **Tópicos em teoria da relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em <<http://www.pucrs.br/edipucrs/teoriadarelevancia.pdf>> Acesso em: 4 jul. 2010.

FRANÇA, J. L. & VASCONCELLOS, A.C. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: EDITORA UFMG, 2004. p. 14-242.

GONÇALVES, J. L. V. R.. Rediscutindo o conceito de competência de uma perspectiva relevantista. In: Jorge Campos, Fábio José Rauén. (Org.). **Tópicos em Teoria da Relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v., p. 122-142.

GRICE, H. Paul. **The causal theory of perception. Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary**. Volume 35: 121-152. Partially reprinted In: GRICE, H. Paul, 1989: 224-247.

_____. **Studies in the Way of Words**. Cambridge MA: Harvard University Press, 1989.

GUTT, Ernst August. A Relevance-Theoretic Approach. In: GUTT, E. A. **Translation and relevance: cognition and context**. Manchester: St. Jerome, 2000, p. 22-43.

LARSEN-FREEMAN, D. The communicative approach. In: LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 123-138.

NEVES, M. S. Os mitos de abordagens tradicionais e estruturas ainda interferem na prática em sala de aula. In: PAIVA, V. L. M. O. (org.). **Ensino de língua Inglesa: reflexões e experiências**. Campinas: Pontes, 1996. p. 69-80.

SPERBER, D. How do we communicate? In: BROCKMAN, John & MATSON, Katinka (eds). **How things are**: A science toolkit for the mind. New York: Morrow, 1995, p. 191-199. Disponível em: <<http://www.dan.sperber.fr/?p=21>> Acesso em: 6 jun. 2010.

WILSON, D. & SPERBER, D. Relevance Theory. In: HORN, L. R. & WARD, G. (eds.) **The Handbook of Pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004, p. 607-632. Disponível em: <<http://www.dan.sperber.fr/?p=93>> Acesso em: 6 jun. 2010.

Recebido em 12 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.